



**ESTRANGEIRO, OSTENTADOR, GRAN MADRE,
IMPERADOR: *as múltiplas facetas de
Heliogábalos***

Larissa Nogueira Fernandes

larissafhistoria@ gmail.com

Graduanda em História (UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (IH-UFRJ)

Mariana Barrozo Gonzalez

marianabarrozogonzalez@ gmail.com

Graduanda em História (UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. William de Souza Martins (IH-UFRJ)

RESUMO: O presente artigo possui como objetivo a análise, de maneira crítica, da construção da imagem do Imperador Antonino Heliogábalos – que se perpetua até a contemporaneidade. Heliogábalos governou Roma durante a Antiguidade Tardia, entre os anos 217 e 222, e sua biografia foi escrita na *História Augusta*, por Elio Lampridio¹. Tal autor dedicou um capítulo ao governo desse jovem, no qual o descreve de forma negativa, considerando-o, em sua visão, um dos piores Imperadores romanos. Dessa forma, serão levantadas hipóteses sobre os motivos pelos quais Heliogábalos teve tal construção de imagem, não somente sobre como conduziu a administração de Roma, mas, também, as particularidades da sua vida pessoal. Será que o fato de ser estrangeiro influenciou essa escrita? A sua identidade de gênero tem relevância para a forma como enxergam seus atos enquanto Imperador? Os pontos negativos que lhes são atribuídos realmente possuem veracidade, ou são forjados por aristocratas que queriam tirá-lo do poder?

¹ Há um grande debate sobre a autoria da *História Augusta*, que será explicado ao longo desse artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Estrangeiro; Gênero; Heliogábalos; *História Augusta*; Imperador; Roma.

ABSTRACT: The present article aims to critically analyze the construction of the image of Emperor Antoninus Heliogabalus – a portrayal that has endured through contemporary times. Heliogabalus ruled Rome during Late Antiquity, between the years 217 and 222, and his biography was written by Aelius Lampridius in the *Historia Augusta*. Lampridius dedicated a chapter to the rule of this young emperor, describing him in a negative light and considering him, in his perspective, one of the worst Roman emperors. Consequently, hypotheses will be formulated regarding the reasons behind the shaping of Heliogabalus's image, exploring not only his governance of Rome but also the peculiarities of his personal life. Did being a foreigner influence this portrayal? Does his gender identity play a role in how his actions as emperor are perceived? Are the negative aspects attributed to him truly accurate, or were they fabricated by aristocrats seeking to remove him from power?

KEY-WORDS: Foreigner; Gender; Heliogabalus; *Historia Augusta*; Emperor; Rome.

INTRODUÇÃO

A importância desse estudo encontra-se na desconstrução da imagem criada e perpetuada do Imperador Antonino Heliogábalos, uma vez que serão desenvolvidas hipóteses que buscam compreender o motivo pelo qual escritores criaram uma imagem negativa do mesmo. Isto porque, para esse trabalho, há características desse jovem que, ao serem aprofundadas, são passíveis de questionamentos e que estão atreladas à forma como, em pleno século XXI, enxergamos como sendo um governante nefasto, que focava somente em sua vida pessoal e nos prazeres sexuais próprios. Sendo assim, a metodologia utilizada será aquela

desenvolvida por Antônio Cândido de Souza em seu livro *Literatura e Sociedade*, publicado no ano de 1985. Nele, o autor afirma que Literatura, para os historiadores, é todo documento em suporte escrito e, nesse sentido, ela é produto da História, pois “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam sua posição” (SOUZA, 1985, p. 40). Ou seja, é preciso considerar o contexto de criação de uma obra, já que isso é intrínseco ao texto. Ademais, para cruzar História e Literatura, é necessário realizar o chamado “tripé analítico”, que consiste na análise do texto considerando o autor – o contexto e a vida do escrito – e o público – a forma que a obra foi recebida. Desse modo,

A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (SOUZA, 1985, p.84).

Assim, os historiadores necessitam expandir o texto, ou seja, compreender o que não está explícito; como salienta a expressão popular, buscar nas entrelinhas. Para isso, esse trabalho foi dividido em quatro partes: primeiramente, realizará explícita um resumo da obra; em segundo, o estudo do gênero e do autor do texto; após isso, será apresentado o contexto, a fim de compreender parte do tripé analítico; e, por fim, problematizar a obra, na busca de uma análise crítica. Portanto, o presente artigo é produto de um longo e árduo estudo, baseado em uma metodologia específica e com objetivos claros, uma vez que os questionamentos realizados a partir dos escritos do autor da *História Augusta* sobre Heliogábalo serão considerados como coerentes, baseado na produção historiográfica sobre esse assunto e nos fragmentos do próprio documento.

Além disso, a obra utilizada, já citada anteriormente, para auxiliar na compreensão de quem foi o Imperador Heliogábalo – que pertenceu à

dinastia dos Severos – foi a *História Augusta*, a qual é pertencente ao gênero biográfico, uma vez que é moldada conceitualmente sobre os princípios da arbitrariedade e da parcialidade. Ou seja,

descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepetível, é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo. (SCHWARCZ, 2013, p. 53).

Dessa forma, este gênero possui uma importância significativa para o historiador, apesar de exigir um olhar crítico, uma vez que tende a ser um texto parcial e, portanto, não poderá ser estudado como sendo uma verdade absoluta – assim como qualquer outra fonte histórica. A forma como os biógrafos descrevem tal personagem e escondem motivos em suas abordagens não é ingênua, já que na própria escolha de quem irão biografar enxerga-se uma parcialidade e uma finalidade, bem como se observa nas fontes em que se embasarão – e o autor da *História Augusta*, que será mencionado posteriormente no texto, não foge à regra. Sendo assim, não se faz uma biografia em vão: intrínseco a ela sempre existe um motivo, seja político, histórico ou de imortalizar uma pessoa.

Há um debate historiográfico sobre a autenticidade da autoria e sobre a datação de tal compilado de biografias. Por isso, inúmeros historiadores, filólogos e outros intelectuais se debruçaram para estudá-lo, sendo que, até o final do século XIX, poderia ser resumido a:

uma obra de grande valor documental, escrita por seis colaboradores, provavelmente não de uma só vez, mas gradualmente durante um período que cobre parte dos reinados de Diocleciano a Constantino (CORASSIN, 1988, p. 154).

Entretanto, isso muda com o artigo de Hermann Dessau, *Über Zeitund Persönlichkeit der Scriptorum historia e Augusta*, publicado no ano de 1889, no qual o mesmo afirma que não há muito que falar sobre Elio Lampridio, uma vez que ele e os outros autores desse compilado são, provavelmente, uma única pessoa (p. 335). A partir desse artigo, a autoria da *História Augusta* tornou-se alvo de grandes análises e estudos, em que

vários estudiosos se debruçaram sobre a questão. Contudo, atualmente, a teoria mais aceita é a de que tal obra foi escrita por um único indivíduo, no século IV d.C. Ademais, nota-se que “o autor da *História Augusta* não é um historiador, e sim um romancista”² (SYME, 1972, p. 124), ou seja, quem escreveu esse documento inspirou-se em fatos para formular um romance que fosse agradável para a aristocracia romana, sendo este mais um motivo para que seja analisado com criticidade, visto que este foi escrito para satisfazer um público específico. Logo, seu conteúdo, por consequência, deveria agradar a essa classe e, por isso, ser passível de alterações que a agradariam. No entanto, apesar disso, ainda é atribuído o capítulo de Heliogábalo a Elio Lampridio, mesmo deixando explícito que tal debate ainda se encontra em aberto.

Outro ponto interessante é que Heliogábalo assumiu o poder em 217, em um momento de crise do Império Romano. Ele pertenceu à dinastia dos Severos, que sucederam a dos Antoninos – época na qual Roma atingiu seu apogeu com o governo de Marco Aurélio na questão expansionista e econômica, sendo chamada de “Idade do Ouro”³. Por conta disso, os Severos tentavam aproximar-se da imagem dos Antoninos, já que precisavam legitimar o seu poder e, nesse sentido, a época de prosperidade que o Império vivenciava foi substituída pela “Idade do Ferro” pela Dinastia Severa (SILVA; SOARES, 2013, p. 144). Além disso, sobre o contexto da escrita da *História Augusta*, compreende-se que era um momento de passagem do *principado*⁴ para o de *dominato*⁵, uma vez que Diocleciano retirou praticamente toda a autoridade política do senado e, dessa forma, o Imperador não precisava mais da aprovação dos senadores para colocar em prática qualquer medida. Sendo assim, este cargo máximo

² “The author of the H.A is not a historian but a romancer” (Tradução livre do original em inglês).

³ A dinastia dos Antoninos levaram o Império Romano ao seu apogeu por meio de uma política de integração e estabilidade, principalmente após explorar o ouro da Dácia, pois a riqueza material também foi um dos motivos pelo sucesso desta dinastia – e, por isso, essa época é chamada de século de Ouro (GAIA, 2020, p. 10).

⁴ Principado remete a um Estado independente, cujo governante possui título de príncipe.

⁵ Dominato remete a uma forma de governo militar, uma monarquia absolutista.

se tornou o de um *dominus*, isto é, um senhor de todos, possuindo a *libertas*⁶ para agir como desejava (SARTIN, 2011, p. 35).

Além disso, é importante salientar que no século IV houve a ascensão do cristianismo, principalmente com os Imperadores Constantino e Teodósio. O primeiro deu o passo primordial para assinar o Edito de Milão, em 313, assegurando que os assuntos pagãos e cristãos fossem tratados em pé de igualdade, de tal forma que foi ele quem acabou de maneira definitiva com a perseguição aos cristãos. Já o segundo, em 392, proibiu todo e qualquer sacrifício e culto aos deuses pagãos e, dois anos mais tarde, houve a derrota do partido que praticava o paganismo no campo de batalha. Dessa maneira, esta religião, oficialmente, foi preterida em Roma, encerrando o século IV d.C. com uma nova moral e credo.

Esclarecidas essas questões, o trabalho se comprometerá a analisar a construção da imagem de Heliogábalo, a partir da *História Augusta*. Esse imperador, antes de assumir o governo de Roma, já começou a ser alvo de um olhar negativo por parte do povo por conta de uma junção de motivos. Ao encontrar o Império Romano em crise, ele foi escolhido como um sucessor direto de Caracala, sendo que, por ser fruto de um caso extraconjugal, grande parte dos romanos deslegitimou sua ascensão ao trono e, posteriormente, suas ações enquanto imperador. Além disso, outra característica relevante é que Heliogábalo era estrangeiro, originário da Síria e, por isso, possuía comportamentos orientalizantes, como o culto a Elagabal – que será posto em problematização quanto à forma que tal devoção é abordada na *História Augusta* – e a sua performance da feminilidade (SILVA, 2018, p. 157).

Por fim, é necessário que se faça uma abordagem de gênero, visto que é atribuído pela escritora Semíramis Silva, em sua obra *Gênero no principado romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo* (2018), uma transexualidade ao jovem imperador, algo que não era encarado com naturalidade pela

⁶ Sinônimo de liberdade.

sociedade do século III (p. 157-158). Sendo assim, como Lampridio observou, “agora bem, eu acredito que esses detalhes, e alguns outros, são invenções daqueles que tentaram desonrar Heliogábalo para favorecer a Alexandre”⁷ (LAMPRIDIO, 1989, p. 367), todos os fatos remetidos ao jovem Imperador deverão ser questionados, uma vez que, como a aristocracia romana já estava insatisfeita com a forma que, supostamente, ele administrava o Império Romano, tudo de negativo que estivesse relacionado a Heliogábalo seria uma justificativa para colocar no trono quem o Senado queria: Alexandre, primo do então Imperador e o próximo na linha de sucessão.

BREVE RESUMO SOBRE HELIOGÁBALO

Para entender as questões sobre Heliogábalo, é importante esclarecer que não se encontra uma variedade de fontes ou de produções historiográficas que enfoquem em seu governo, uma vez que não há muitos estudos sobre ele internacionalmente – pelo menos se comparado aos vários outros Imperadores do Principado; há, sobretudo, pouquíssimas pesquisas sobre ele no Brasil (SILVA, 2018, p. 144). Nesse sentido, por conta da escassez das fontes, aquelas que existem devem, pela prudência necessária ao se estudar um objeto, ser submetidas à uma análise rigorosa, já que há, em sua maioria, uma parcialidade na escrita de uma biografia – que era formulada para um público definido, a aristocracia –, bem como deve-se observar a exatidão e determinação dos fatos específicos nela citados (FUNARI, 2003, p. 27). Por isso, a linha dessa problemática é pautada através do seguinte questionamento: por quais motivos a figura de Heliogábalo é construída nos documentos historiográficos e como ocorre essa construção? Portanto, a partir de agora, irá se explicar as

⁷ “ahora bien, yo creo que estos detalles, y algunos otros de la invención de aquéllos que han pretendido deshonrar a Heliogábalo para favorecer a Alejandro” (Tradução livre do original em espanhol).

hipóteses levantadas para compreender as múltiplas facetas de um mesmo Imperador, sendo este Heliogábalo.

No entanto, não é prudente ir direto para as hipóteses centrais desse artigo sem, ao menos, introduzir como Antonino Heliogábalo, que antes se chamava Vario (LAMPRIDIO, 1989, p. 335), chegou ao poder no Império Romano durante a época denominada de Antiguidade Tardia – a qual era caracterizada pela continuidade perpetrada pelos novos agentes políticos no interior do Império (SILVEIRA, 2011, p. 1). A partir disso, compreende-se que Roma viveu o ápice da administração imperial durante a dinastia dos Antoninos, uma vez que nessa época houve a conquista do mundo pelos romanos, chegando ao seu extremo de expansão territorial com as Guerras Dácias promovidas por Trajano (GONÇALVES, 2019, p. 233). Além disso, os últimos dois governantes dessa dinastia eram opostos, isto é, Marco Aurélio teve uma excelente governança, enquanto Cômodo, iniciou uma crise econômica e política em Roma. Sendo assim, a dinastia posterior à dos Antoninos, a denominada Severa – a qual Heliogábalo pertence – chegou ao poder através ascensão de Septímio Severo, que começou seu governo com uma realidade não agradável, esta resquício da crise deixada pelo anterior.

Com a morte de Septímio, seu filho Caracala assumiu o governo do Império Romano e, posteriormente, com a necessidade de alguém cuja descendência fosse direta ao então Imperador, Heliogábalo foi apresentado às tropas como um sucessor legítimo ao trono – uma vez que era propalado descendente de Caracala (GONÇALVES, 2019, p.243). Todavia, o governo do jovem Imperador já começou de uma maneira conturbada, uma vez que diversos romanos não o consideravam descendente legítimo, visto que era fruto de um caso extraconjugal; logo, não era digno de assumir o trono, já que:

Mantendo um estilo de vida semelhante ao das meretrizes, ele cometia todo tipo de desonestidades no palácio, tornando-se famoso por seu adultério com Antonino Caracalla, a ponto de o mencionado Vario, ou

Heliogábalos, ser considerado um filho ilegítimo” (Aelius Lampridius. *H.A.* 2.10).

Dessa forma, por conta do adultério de seus pais, grupos romanos não consideravam Heliogábalos um herdeiro legítimo do trono e isso teve consequência direta nas decisões tomadas pelo Imperador, visto que muitos o consideravam um intruso no Império Romano, já que suas origens eram da Síria, o que colaborava para que olhassem de maneira negativa para seus atos enquanto líder do governo. Para agravar a situação, o governante também cultivava o deus de origem síria Elagabal, sendo sacerdote dessa divindade antes de se tornar Imperador, além de preferir abdicar das tradicionais vestimentas romanas, entre outros costumes orientais (SILVA, 2018, p. 150). Por conta disso, para esses grupos romanos, ele não possuía a educação romana, os costumes romanos – o *mos maiorum*, logo, este era mais um motivo para recriminarem qualquer passo que Heliogábalos tomasse.

Além disso, é relevante ressaltar outro ponto que corrobora a construção negativa desse jovem Imperador, também influenciado por ele ser estrangeiro: a forma como o autor da *História Augusta* aborda a construção de um templo que Heliogábalos mandou construir para cultuar Elagabal. Na sociedade romana do século III, não era prudente que um Imperador cultuasse uma divindade que não era originária de Roma, uma vez que a aristocracia romana não se agradava desta atitude (SILVA, 2018, p. 148). No entanto, ao se analisar a região do Império Romano, nota-se que “os estudos arqueológicos localizaram um templo para divindades de origens síriacas, construído anteriormente na região do Transtevere, também em Roma” (SILVA, 2018, p. 148). Sendo assim, a partir disso, é possível constatar que:

Segundo Arrizabalaga e Prado (2014, p. 147), os artefatos nele encontrados mostram o culto a Elagabal em Roma, antes do governo de Heliogábalos, sendo o templo, possivelmente, do período de governo de Septímio Severo (193-211) e/ou Caracala (211-217). Há também diversas moedas que mostram a devoção de Caracala por Elagabal (SILVA, 2018, p. 148).

Com esse trecho supracitado, fica evidente que, através dos estudos baseados na cultura material expostos pela escritora Semíramis Corsi Silva, o culto a Elagabal já era realizado anteriormente ao governo de Heliogábalo e, também, pelos seus antecessores, como Severo Alexandre – que foi colocado no poder com o apoio do mesmo exército que, segundo Lampridio, o criticava por conta dessa devoção. Por isso, concordando com o posicionamento dessa autora, o presente artigo busca compreender o motivo pelo qual apenas a figura desse jovem Imperador é vista de maneira negativa quanto à devoção a este deus sírio. Além disso, conforme a historiadora Ana Teresa Gonçalves salientou, “Heliogábalo se apresentava vestido com roupas orientais e gastava muito tempo fazendo culto ao deus Elagabal de Emesa, um meteorito negro trazido para Roma” (2019, p. 243); ou seja, não era apenas a adoração a este deus solar que causava o descontentamento dos aristocratas romanos, mas, também, a escolha do Imperador em usar vestimentas que, segundo a cultura da época, eram típicas de um habitante não originário de Roma⁸ – e não de alguém que ocupava o cargo de Imperador.

A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DESSE IMPERADOR

Ao ler sobre os relatos de autores romanos antigos, pode-se ter a impressão de que o Império Romano era apenas governado por dois tipos de imperadores: o bom e o mau; e, nas obras desses escritores, o governante é frequentemente apresentado como um exemplo de comportamento moral ou imoral (ICKS, 2008, p. 477). Assim, muitas vezes eles exageravam seus vícios e virtudes, apresentando-os como santos ou monstros, sem um meio-termo. Por isso, o caso de Heliogábalo, este que foi um dos condenados mais veementemente pela historiografia romana, é interessante.

⁸ Os romanos, assim como os gregos, possuíam muitos estereótipos acerca de pessoas que viviam no “Oriente”, como na Síria e Persa.

Ao assumir o governo de Roma, Heliogábalos colocou em prática mais uma particularidade de seu governo ao introduzir, na primeira assembleia do Senado, sua mãe, Julia Soêmia e, assim:

Quando ela se apresentou, foi chamada para ocupar um lugar ao lado da cadeira dos cônsules e assistiu à assinatura, ou seja, atuou como testemunha na redação do senado, sendo o único de todos os imperadores cujo governo permitiu a admissão de uma mulher no senado” (Aelius Lampridius. *H.A.* 2.10).

O então Imperador, como o trecho deixa explícito, foi o primeiro e único que admitiu que uma mulher – no caso, sua mãe – ocupasse lugares no dentro do governo romano que, naquela época, era destinado aos homens. Além disso, Heliogábalos criou um Senado composto apenas por figuras femininas, cujo nome era *Senaculum* – outra singularidade do governo desse síriaco. Tais características não foram enxergadas de maneira positiva pelos aristocratas romanos, pois a sociedade daquela época era patriarcal, logo, muitas vezes, qualquer ação que rompesse com o que se esperava da administração e dos costumes de Roma era recriminada.

Ademais, a questão de gênero da figura de Heliogábalos também tem muita influência na maneira como a aristocracia romana o enxergava. O Imperador performava tamanha feminilidade (SILVA, 2018, p. 157), algo explicitado pela passagem “E, apresentando-se diante das meretrizes com trajes afeminados e o peito exposto (...)”⁹ (LAMPRIDIO, 1989, p. 362). E, segundo a escritora Giulia Sissa, “o feminino é a imperfeição” (SISSA, *apud* BARBOSA, 2007, p. 356) – o que valia para Roma¹⁰. A partir de então, compreende-se que a mulher romana, se comparada com a grega, ainda

⁹ “Y, habiéndose presentado ante las meretrices con atuendo afeminado y las tetillas al aire” (Tradução livre do original em espanhol).

¹⁰ Os romanos eram fortes e viris, enquanto os “orientais” eram supostamente fracos e afeminados, pois se cercavam de um luxo extravagante que era contrário aos ideais romanos de simplicidade e moderação (ICKS, 2008, p. 482).

detinha de uma pequena liberdade, porém isso não significava que o feminino era bem-visto, pois, em uma sociedade patriarcal como tal, que era marcada pela presença do *pater familias*, performar feminilidade – como Heliogábalo realizou – era obsceno, pois se prezava o culto à virilidade.

Sobre a virilidade, Eva Cantarella (2002) observa que, para os romanos, este atributo não era apenas um acontecimento sexual, mas uma virtude política, esta que Heliogábalo não detinha (p. 98). O Imperador se relacionava com homens – o que não era problema –, contudo, ele era o passivo nos atos sexuais e, para essa relação ser aceita, o governante precisava ser o ativo. Isto porque a passividade significava ir contra a imposição de uma virilidade romana, ou seja, era se assemelhar às mulheres. Além disso, segundo Paul Veyne reforça, o ato de ser ativo na intimidade sexual resultava em ser macho, logo, a aristocracia de Roma não se agradava com a postura de Heliogábalo, pois, através dela, ele se aproximava do feminino (2008, p. 233). Nesse sentido, a efeminação era uma constante no discurso romano, associado a questões políticas, sociais, à fraqueza moral e também ao luxo excessivo; assim, quaisquer qualidades que fossem indesejáveis em um homem membro da elite romana eram chamadas de “femininas” (ICKS, 2008, p. 484). Por isso, ao examinar este personagem histórico-político, a análise necessita ser, também, de gênero, uma vez que o estudo aborda os diferentes comportamentos e significados que o homem e a mulher adquirem em diferentes contextos históricos (FEITOSA, 2014, p. 2).

Joan Scott, uma historiadora contemporânea, também apresenta outra dimensão que pode ser usada para a análise de gênero, visto que o masculino e o feminino não são características inerentes, mas construções subjetivas (SCOTT, 1995, p. 8). Com isso, a autora afirma que

Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que ‘homem’ e ‘mulher’ são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque, mesmo quando

parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas (SCOTT, 1995, p.15).

A partir disso, é possível compreender que gênero é relacional e, no caso romano, o feminino é tudo que o masculino não é: submisso, passivo, frio, descontrolado, não viril - desonroso a um líder. Em diversas passagens da *História Augusta*, observa-se a presença da feminilidade em Heliogábalo, pois o mesmo “amava Hierocles a ponto de beijar suas partes íntimas, o que é vergonhoso até mesmo para mencionar, e afirmava que ao agir dessa maneira, estava celebrando os festivais de Flora”¹¹ (LAMPRIDIO, 1989, p.341).

Com base nesse trecho, vê-se que o gênero que Heliogábalo performava era algo tão desprezível aos romanos que, para Lampridio, tratava-se de um assunto até vergonhoso de falar; além disso, como o Imperador era o passivo, possuindo comportamento feminino, sua relação com Hierocles era vista de forma negativa. A partir de outra passagem, a *História Augusta* deixa explícito que Heliogábalo casou-se com Zótico, um atleta, e consumou o ato sexual com ele (LAMPRIDIO, 1989, p. 346), sendo, mais uma vez, o passivo. Por conta de ser afeminado para o comportamento viril que era esperado do ser masculino durante o século III e de ter esse tipo de relação na qual era o possuidor da passividade, o Imperador era visto como alguém que só ligava para homens e para os pênis dos habitantes romanos, como se observa nas palavras do autor do capítulo da biografia do mesmo:

Ele nomeou para ocupar a prefeitura pretoriana um bailarino que havia atuado como ator em Roma, nomeou o auriga Cordio como prefeito das guardas e o barbeiro Cláudio como prefeito dos mantimentos. Ele promoveu a outros cargos pessoas que lhe foram recomendadas por possuírem genitálias de tamanho descomunal (Aelius Lampridius. *H.A.* 2.10).

¹¹ “pero amó a Hierocles hasta tal punto, que besaba sus partes sexuales, lo cual es vergonzoso incluso decirlo, y afirmaba que actuando así, celebraba las festividades de Flora” (Tradução livre do original em espanhol).

Nesse sentido, é dito que Heliogábalo escolhia pessoas para cargos importantes somente pelo tamanho do seu órgão genital, algo que deve ser posto em dúvida já que um Imperador de uma área com tamanha proporção territorial tal qual Roma, ainda mais em um contexto de crise, provavelmente não faria isso. Em outra passagem, podemos constatar de novo essa obsessão, pois, “ele construiu banhos públicos na mansão imperial e, ao mesmo tempo, abriu para os públicos os de Plauciano, a fim de poder descobrir as qualidades dos homens mais bem-dotados sexualmente” (LAMPRIDIO, 1989, p. 344).

Novamente, este jovem é visto como sendo uma pessoa fútil por conta de suas práticas sexuais, desqualificando totalmente seu papel como governante do Império Romano. Além de performar feminilidade, Heliogábalo também se travestia de mulher e assumia pronomes femininos, pois “*Unció también leonês a su carro, dándose a si mismo el título de <<gran Madre>>*” (LAMPRIDIO, 1989, p. 364). A partir disso, alguns historiadores o consideram como o primeiro Imperador transexual; porém, há controvérsias quanto a isso, uma vez que é difícil aplicar termos como esse para uma pessoa que viveu há mais de mil anos e que entendia o gênero e sexualidade de formas diferentes as atuais.

A suposta transexualidade de Heliogábalo, bem como sua preocupação exacerbada com o corpo ao invés de focar nas questões político-administrativas do Império, é exposta no texto da *História Augusta*, mas, muitas vezes, pode passar despercebida por alguns leitores, já que a crítica do autor é bem implícita. No entanto, através de uma análise conforme a metodologia que Cândido formula, observa-se que:

A representação na corte de Paris, onde ele mesmo assumia o papel de Vênus, de tal maneira que, inesperadamente, deixava cair suas vestes até os pés e se ajoelhava, nu, com uma mão no peito e a outra nas suas partes íntimas, empinando suas nádegas e se exibindo para o seu amante. Depilava todo o seu corpo e também configurava o seu rosto com a mesma figura com a qual Vênus costumava ser retratada, pois considerava que a recompensa mais importante da sua vida seria ser

considerado digno e capaz de satisfazer a paixão de muitas pessoas (Aelius Lampridius. *H.A.* 2.10).

Assim, é possível compreender que há um enfoque na figura pessoal de Heliogábalo e em como ele utilizava seu corpo de uma maneira não tradicional na Roma do século III. Entretanto, tal abordagem não é, de maneira alguma, sem intenção direcionada, visto que qualquer escrita sobre um determinado personagem histórico-político, como é o caso desse Imperador, possui a finalidade de perpetuar uma imagem sobre a personagem analisada. Sendo assim, há de se questionar se, de fato, essa preocupação exacerbada com o corpo era uma característica do Imperador, ou se é um tom exagerado por parte do autor a fim de construir e perpetuar a figura do filho de Caracala como sendo um governante supérfluo e despreocupado com as questões políticas de Roma. Outro ponto a ser refletido é que o fragmento supracitado concede a confirmação de uma pseudo-transexualidade de Heliogábalo, pois ele gostava de se vestir como mulher – ou seja, como Vênus.

Voltando à religião, há um questionamento levantado em relação a uma afirmação, presente na *História Augusta*, que deixa implícito o desejo de Heliogábalo em instaurar o monoteísmo no Império Romano, sendo esta:

Ele profanou a religião do povo romano destruindo seus santuários. Ele tentou extinguir o fogo perpétuo. Desejava abolir não apenas os diferentes cultos celebrados em todo o mundo, movido pela única ilusão de que Heliogábalo seria adorado como um deus em todo o mundo, e, manchado por todo tipo de imoralidade, junto com outros homens que se haviam desonrado, penetrou violentamente no santuário de Vesta (Aelius Lampridius. *H.A.* 2.10)

Com isso, observa-se que o autor deixou em aberto a leitura de que o Imperador, de fato, instituiu um monoteísmo em Roma ao abolir, segundo ele, os diferentes cultos que eram celebrados, reverenciando, assim, somente Vesta – conhecida, contemporaneamente, por Elagabal. No entanto, a historiadora Silva observa, em sua publicação na revista *PHOENIX*, que esse viés proposto por Lampridio não se sustenta, uma vez

que há moedas da época cunhadas com referência aos deuses Marte, Cibele, Juno, Júpiter e Vênus (SILVA, 2018, p. 148). Entretanto, bem como analisa Erika Manders (*apud* SILVA, p. 147), estudiosa da numismática dos Imperadores Romanos, as moedas testemunham a força da religiosidade de Heliogábalo e daquilo que ela chama de reformas administrativas que ele tentou implantar, havendo preponderância de moedas em torno de Elagabal. Dessa maneira, não é possível afirmar, conforme descrito no trecho supracitado, que este jovem implementou o culto a um só deus em Roma, mas sim que o mesmo provavelmente deu mais ênfase à Elagabal do que às entidades de origens romanas, que ficaram em segundo plano.

Nesse quesito, é importante lembrar que Roma, na época da escrita da *História Augusta*, passava pela decadência do politeísmo. Esse período foi marcado pela bipolaridade entre paganismo e cristianismo, pois, mesmo que Constantino, Imperador entre 306 e 337, tenha posto a Igreja em solos romanos, ele permanecia sendo um Imperador no estilo que a sociedade originária de Roma denominava pagão (VEYNE, 2011, p. 53). Já o Imperador Teodósio, em 392, proibiu qualquer e todo sacrifício aos deuses do paganismo¹², o que influenciou bastante a escrita da *História Augusta*, pois, como Antônio Cândido enfatiza, é necessário considerar o contexto de criação de uma obra. Nesse sentido, há um debate sobre a religião do autor da biografia, contudo ele provavelmente era pagão numa época em que os antigos deuses de Roma estavam sendo deixados de lado, o que faz com que não seja difícil presumir um paralelo entre o culto de Elagabal e o Cristianismo (ICKS, 2008, p. 483). Por isso, Heliogábalo é apresentado como um monoteísta que viola os ritos sagrados dos romanos e quer destruir todas as outras religiões.

No geral, a *História Augusta* não relata muitas medidas governamentais de Heliogábalo, enfocando excessivamente em sua vida privada, algo que não ocorre de maneira intensa com os demais

¹² Entretanto, cabe salientar que a religião politeísta, mesmo com a sua proibição em alguns espaços, continuou sendo praticada.

Imperadores do Principado. Entretanto, há algumas passagens nas quais esses atos são lembrados, como no trecho:

Quando assumiu o consulado, ele ofereceu ao povo não moedas de prata ou ouro, nem guloseimas, nem animais pequenos, mas sim bois brilhantes, camelos, jumentos e veados, para que o povo os disputasse, assegurando que esta era uma ação em conformidade com a dignidade imperial (Aelius Lampridius. *H.A.* 2.10).

A partir disso, é possível notar que o excerto é uma exceção nos escritos de Lampridio dedicados às qualidades administrativas de Heliogábalo, já que relata alguma medida tomada por ele enquanto Imperador que beneficiou diretamente o povo e não somente ações que eram movidas por desejos sexuais do jovem, como já foram citadas ao decorrer desse trabalho. Sendo assim, tal passagem é rara ao se analisar o documento por completo, uma vez que, nos demais feitos desse jovem para com a população de maneira direta, o autor via e deixava explícito que tais eram influenciadas por interesses sexuais particulares do Imperador.

Contudo, com base em todas as hipóteses desenvolvidas ao longo deste artigo, o exército de Roma, apoiado pelo Senado e pela aristocracia, começou a não aprovar a maneira que Heliogábalo conduzia o Império Romano de tal forma que “os soldados não puderam tolerar que alguém como ele, que era uma praga, ostentasse o título de imperador e começaram a dar crédito aos rumores”¹³ (LAMPRIDIO, 1989, p. 345). Assim, começaram a montar um complô para matá-lo e, após uma tentativa em que houve falha, concretizaram o plano e, de fato, mataram o jovem Imperador. No entanto, Heliogábalo não teve uma morte amena, e sim brutal, uma vez que, “sua morte estava de acordo com a vida que ele tinha levado”¹⁴ (LAMPRIDIO, 1989, p. 352); por conta disso, além de o

¹³ “*os soldados no pudieron soportar que una peste como aquella ostentara el título de emperador y comenzaron a dar pábulo a las habladurías*” (Tradução livre do original em espanhol).

¹⁴ “*su muerte estuviera en consonancia con la vida que había llevado*” (Tradução livre do original em espanhol).

assassinarem publicamente, ainda o jogaram no esgoto, sendo este um sinal de humilhação para a época. Ademais, assassinou-se também sua mãe, Júlia Soêmia, esta que, segundo eles, “é uma mulher com vícios e digna de tais dizeres”¹⁵ (LAMPRIDIO, 1989, p. 354).

Por fim, após a morte de Heliogábalo, Alexandre assumiu o comando do Império Romano contando com o apoio de todos que não estavam satisfeitos com o governo do jovem síriaco, isto é, o Senado, a aristocracia e o exército. No entanto, Lampridio afirmou que as características remetidas a Heliogábalo são tão polêmicas que podem não ser todas banhadas por veracidade – sendo assim, mesmo ele atesta que talvez essas características atribuídas a ele podem ser exageradas.

Assim, o autor que escreveu a parte que diz respeito à Heliogábalo, presente no compilado biográfico que se intitula de *História Augusta*, deixou explícito que os detalhes que são ligados à imagem desse Imperador podem, de fato, ter sido invenção daqueles que pretendiam construir e propagar uma imagem negativa do mesmo a fim de, assim, justificar a ascensão de Alexandre ao comando do governo de Roma. Dessa forma, confirma-se o que foi argumentado por esse artigo, já que é prudente, em qualquer objeto de estudo, que haja uma análise crítica das fontes e documentos envolvidos, pois não é um caminho favorável utilizar escritos antigos – ou até mesmo contemporâneos – e os colocar como verdades absolutas e incontestáveis. Isto porque o contexto, o(a) autor(a), o gênero em que está inserido, a intenção pela qual houve a abordagem de tal personagem histórico-político e o público destinado a leitura influenciam no que será, ou não, mencionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, a partir do exposto nesse artigo, pode-se constatar que o fato de Heliogábalo ser estrangeiro, afeminado e de cultuar divindades

¹⁵ “és una mujer viciosísima y digna de tal dijo” (Tradução livre do original em espanhol).

estrangeiras influenciou no modo que a *História Augusta* e outras fontes escreveram sobre ele. A sociedade romana, por mais que tenha sido culturalmente diversa – devido ao extenso território do Império –, não enxergava com bons olhos costumes que fugiam do *mos maiorum* e da educação romana. Ademais, os romanos eram patriarcais, ou seja, o *pater familias* controlava tudo ao seu redor, e eles não aceitavam a passividade ou qualquer pessoa que performava feminilidade. A religião romana, na época da composição da *História Augusta*, passava por uma mudança, rumo ao cristianismo, o que dificultava a aceitação de outras divindades politeístas, como Elagabal.

A partir desses fatos, a construção da imagem de Heliogábalo como um Imperador polêmico, fútil e incapaz foi criada e perpetuada, fazendo com que o jovem entrasse para o rol dos piores Imperadores de Roma. Contudo, atualmente, a historiografia tenta recuperar a história de algumas figuras com novas perguntas em mente, em busca de compreender se o que é dito sobre essas personagens tem coerência ou não. Heliogábalo é um exemplo disso. Ele não foi o melhor Imperador romano – ainda mais devido ao seu pouco tempo de reinado –, porém provavelmente não foi o pior, como a *História Augusta* o faz parecer. O Imperador só foi relegado da História e cabe a nós, a nova geração de historiadores, resgatar seu passado para entendermos mais sobre a sociedade romana.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Aelius Lampridius = Elio Lampridio

HA = História Augusta.

FONTES

História Augusta. Vol. II. Vidas de Hélio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nígro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo. Trad. Nuno

Simões Rodrigues, Cláudia Teixeira, Francisco Oliveira, José Luís Brandão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Renata Cerqueira. Gênero e Antiguidade: Representações e Discursos. *HISTÓRIA REVISTA (ONLINE)*, v. 12: 353-364, 2009.

CANTARELLA, Eva. *Bisexuality in the Ancient World*. New Haven: Yale University Press, 2002.

CORASSIN, Maria Luiza. A composição da biografia de Severo Alexandre na História Augusta. *Revista de História*, [S. l.], n. 119: 154-178, 1988.

DESSAU, Hermann. Über Zeit und Persönlichkeit der Scriptorum Historiae Augustae. *Hermes* 24 (3): 337-392, 1889.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos*. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

GAIA, Deivid Valério. O século de ouro e a 'adoção do melhor': considerações sobre a sucessão imperial durante o século II d.C.. *HISTÓRIA (SÃO PAULO)*, v. 39: 1-15, 2020.

GONÇALVES, Ana T. M. "Os Severos". In: BRANDÃO, J. L. e OLIVEIRA, F. (orgs.). *História da Roma Antiga, Império Romano do Ocidente e Romanidade Hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

ICKS, Martijn. Heliogabalus, a Monster on the Roman Throne: The Literary Construction of a 'Bad' Emperor. In: SLUITER, Ineke; ROSEN, Ralph. *KAKOS: Badness and Anti-Value in Classical Antiquity*. Leiden: Brill's Company, 2008.

SARTIN, Gustavo Henrique Soares de Souza. *As estruturas sociais e econômicas do Império Romano do Ocidente e o estabelecimento do reino dos visigodos nas Galliae Aquitania e Narbonensis*. Dissertação (mestrado em História e Espaços) – Programa de Pós-Graduação. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011

SCHWARCZ, Lilia Moritz. História Social, n. 24. Revista dos Pós-graduandos em História da Unicamp, 2013.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Trad. Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Recife: SOS CORPO – Gênero e Cidadania, 1995.

SILVA, Gilvan Ventura da; SOARES, Carolline da Silva. O 'fim' do Mundo Antigo em debate: da 'crise' do século III à Antiguidade Tardia e além. *Nearco - Revista Eletrônica de Antiguidade*, 2013.

SILVA, Semiramis Corsi. Gênero no principado romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo (século III E.C.). *Revista PHOÏNIX*, Rio de Janeiro: 24-2: 142-166, 2018.

SILVA, Semíramis Corsi. Identidade Cultural e Gênero no Principado Romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo (Século Iii E.C.). *PHOÏNIX*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 142–166, 2020.

SOUZA, Antônio Cândido de. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

SYME, Ronald. The Composition of the Historia Augusta: Recent Theories. In: *The Journal of Roman Studies*, Vol. 62, 1972.

VEYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VEYNE, Paul. *Sexo e poder em Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.